

O corpo castrado dos *galli* nas maldições de Mogonciaco: uma análise de cinco *defixiones* para *Mater Magna*

The galli's castrated body in the curses of Mogontiacum: an analysis of five defixiones for Magna Mater

Semíramis Corsi Silva*

Resumo: O culto de Cibele, a *Magna Mater* dos romanos, e de seu consorte, Átis, teve grande desenvolvimento nos primeiros séculos do Império Romano. Rememorando e reatualizando uma série de narrativas mitológicas em torno de Cibele e de Átis, foi comum a realização de uma intervenção no corpo de seus sacerdotes, os *galli*, vista como uma castração que retirava a masculinidade desses sujeitos na literatura que chegou até nós. A partir de cinco tabletes de maldição (*defixiones*) encontrados no Templo de Ísis e *Mater Magna* da cidade alemã de Mainz, a antiga Mogonciaco (*Mogontiacum*), analisarei a visão que a população local tinha em relação à prática de castração ritual dos *galli*. Viso perceber elementos do imaginário popular sobre o corpo de tais sacerdotes e seu uso nos rituais mágicos.

Abstract: The cult of Cybele, the *Mater Magna* of the Romans, and her consort Attis, had a great development in the first centuries of the Roman Empire. Remembering and updating a series of mythological narratives around Cybele and Attis, it was common to carry out an intervention in the body of their priests, the *galli*, seen as a castration that removed the masculinity of these subjects in the literature that has come down to us. From five curse tablets (*defixiones*) found in the Temple of Isis and *Mater Magna* in the German city of Mainz, the ancient *Mogontiacum*, I will analyze the view that the local population had in relation to the practice of ritual castration of the *galli*. I aim to understand elements of the popular imagination about the body of such priests and their use in magical rituals.

Palavras-chave:

Magia.
Defixiones.
Galli.
Sacerdotes castrados.
Magna Mater.

Keywords:

Magic.
Defixiones.
Galli.
Castrated priests.
Mater Magna

Recebido em: 20/10/2022
Aprovado em: 11/12/2022

* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/campus de Franca). Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM).

Introdução

Personagens da Antiguidade com histórias que desestabilizam padrões culturais de corpo e gênero, como andróginos, hermafroditas e eunucos de diferentes tipos, povoam a imaginação popular e as representações artísticas há séculos. Tais personagens têm despertado todo tipo de sensações, que vão do fascínio e desejo à curiosidade e abjeção. A constante atração por esses sujeitos se deve, principalmente, porque padrões normativos de gênero, bem como regras para o corpo e para o sexo, envolvem saberes, poderes e emoções. Em nossa contemporaneidade, tal atração é reforçada pelo Orientalismo, também um discurso de poder (SAID, 2007) desenvolvido em torno de alguns personagens da Antiguidade.

Entretanto, mesmo com tanta curiosidade, há poucos estudos históricos atualmente sobre o tema na Antiguidade, em especial na academia brasileira. Há também muitas confusões sobre as diferenças e possíveis aproximações entre antigos eunucos, hermafroditas e andróginos. Além disso, é possível perceber que as pesquisas, em geral, se centram em estudar representações, pela própria dificuldade de acesso às práticas. Outro problema são as generalizações que colocam casos diferentes de personagens e culturas antigas em categorias demarcadas, comparadas muitas vezes com os fenômenos atuais, também marcados pelo peso das classificações sobre os corpos, mas de formas distintas. Portanto, é difícil o acesso à Antiguidade, em especial aos sujeitos subalternizados pelo discurso dominante das elites greco-romanas que nos legaram os textos escritos.

As sociedades estudadas como parte da História Antiga eram repletas de personagens consideradas ambíguas em seu contexto, elas estavam entre os egípcios, assírios, persas, indianos, gregos, fenícios, chineses, romanos e os diversos povos do Império e povoam os relatos bíblicos. Em relação aos homens castrados, pelo menos no contexto do Império Romano, temos a prática ligada a questões sacerdotais, como o caso dos sacerdotes de Cibele, os *galli*, e meninos emasculados e escravizados, comprados pelos aristocratas por preços altíssimos. O último exemplo parece ter sido os casos de Earino e Esporo, que, respectivamente, mantiveram relações com os imperadores Domiciano (81-96) e Nero (54-68) (RIBEIRO JUNIOR, 2016, p. 27).

Os sacerdotes castrados da deusa Cibele, a Grande Mãe (*Magna Mater*) dos romanos, chamam a atenção pelas variadas referências em textos da literatura.¹ Em dois dos meus últimos artigos publicados, refleti sobre as representações literárias desses sujeitos e sobre

¹ Cibele costuma ser tratada como *Magna Mater*. Nas *defixiones* de Mogonciaco, analisadas neste texto, aparece o termo *Mater Magna*, o que é indiferente. A deusa também aparece nesse material como *Mater Deum*, *Domina Mater Magna* e *Sancta Mater Magna*.

o sentido mitológico dos rituais de castração dos *galli*.² Da mesma forma, nestes artigos e em palestras proferidas resultantes da mesma pesquisa, tenho trazido questionamentos sobre as possíveis práticas que envolviam o processo tido nos textos literários como uma castração.³ Como não chegou para nós nenhum testemunho dos próprios sacerdotes, além da literatura bastante afeita aos ritos de intervenção nas genitálias realizados por eles, restam-nos muitas indagações sobre o que de fato acontecia no corpo do iniciado e seus significados.

Não quero resolver tal questão, até mesmo porque, com a documentação que temos hoje, não me parece possível equacionar o problema. Porém, neste artigo, gostaria de trazer outro material documental para o debate em torno das representações e usos do corpo dos *galli*. Tal documentação nos dá pistas em relação a como os processos realizados em seus corpos eram vistos pela população do Império Romano. Ademais, pelo material que irei apresentar neste texto, buscarei trazer reflexões sobre como a simbologia mágico-religiosa da castração ritual dos *galli* foi usada em práticas de magia. Para isso, analisarei cinco *defixiones* latinas encontradas no Templo de Ísis e *Mater Magna* na atual cidade de Mainz (na Alemanha), a antiga Mogonciaco (*Mogontiacum*), capital da província romana da Germânia Superior.

Antes de compreender e analisar as fontes propostas, é importante apresentar aspectos da mitologia em torno da Grande Mãe e de seu consorte Átis na literatura dos primeiros séculos do Império Romano a fim de ambientar o leitor em relação à deusa evocada nas maldições e seu mito.

A mitologia em torno da deusa Cibele, de seu consorte Átis e da castração dos *galli*

Cibele e Átis, ora filho, ora amante da deusa nas diferentes tradições mitológicas, são protagonistas de um dos cultos mais importantes do mundo greco-romano antigo, a religiosidade metroaca.⁴ O culto a Cibele foi incorporado ao panteão oficial romano no

² Trata-se dos seguintes artigos: SILVA, S. C. "Por que de galo, então, chamamos quem se castra [...]?" Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano, *Mare Nostrum*, v. 11, n. 1, p. 287-316, 2020; SILVA, S. C. Os *galli*, sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual, *Notandum*, ano XXIV, n. 56, maio/ago., p. 1-20, 2021.

³ O termo castrado é usado aqui para definir práticas que envolviam cortes das genitais dos *galli*, uma vez que é amplamente visto nas traduções modernas dos textos antigos e acredito facilitar a leitura contemporânea do ato tido nas representações como um processo de emasculação. No entanto, este termo não é muito usado nos próprios textos antigos, ainda que seja possível vê-lo em Marcial (*Epig.*, 3, 81). Um termo mais encontrado é eunuco (*eunuchus*, no latim e εὐνοῦχος, no grego).

⁴ O nome metroaca se refere ao templo da Grande Mãe, o *Metroon* (Μητροῶν). Em latim, temos o termo *megaro* aparecendo para se referir ao templo da *Mater Magna*, como em DTM 4.

século III AEC. As origens desses deuses, no entanto, são frígias. A Frígia estava situada na região centro-oeste da antiga Ásia Menor (a Anatólia), na moderna Turquia.

Cícero comenta sobre o papel da Sibila e das Guerras Púnicas no estabelecimento do culto frígio em Roma (*De Haruspicum responsis*, XIII, 27). Seguindo Cícero, Tito Lívio (*Histórias*, XXIX, 14, 17-19) diz que o culto à Cibele foi introduzido em Roma no final do século III AEC a fim de que a deusa ajudasse os romanos a vencerem Aníbal e os cartagineses. Neste momento, é trazido para Roma, de Pessino, na Frígia, o meteorito que representava Cibele. Lívio também diz que o povo recebeu em massa a chegada da Grande Mãe do Ida, outro nome de Cibele, em Roma.

Jaime Alvar Ezquerria (2008, p. 243-244), no entanto, acredita que a versão contada por Cícero e por Lívio tinha como intuito apresentar a aprovação de um culto à Cibele já conhecido em Roma sob a legitimidade do Senado. A elite dirigente da cidade, segundo Alvar Ezquerria, sabia muito bem o que esse culto envolvia e tenta com isso domesticá-lo e abafar as inquietações populares expressas em um idioma religioso. A partir de descobertas de terracotas votivas de Átis criança, do período anterior à oficialização dos ritos, em escavações arqueológicas no Palatino, Alvar Ezquerria (2008, p. 245-246) conjectura que o culto à Cibele já era conhecido em Roma há muito tempo antes de sua oficialização e que ele deveria ser bem diferente do exotismo das descrições que os textos dos escritores da elite greco-romana nos legaram.

Durante o Principado, Cibele ganhou mais popularidade e Átis foi, então, admitido oficialmente no panteão romano. Nesse momento, cidadãos romanos foram autorizados a participar do sacerdócio da deusa, o que outrora esteve proibido.⁵ A partir de então, Átis também recebeu seu próprio festival, chamado de Hilaria e comemorado em março (ROLLER, 1998, p. 316). É também no período do primeiro século do Principado que o Templo de Ísis e *Mater Magna* de Mogonciaco é construído, mostrando a expansão do culto à Cibele pelas províncias.

Há muitas versões do mito de Cibele e Átis. No contexto romano, a mais conhecida, e base para as posteriores, é a de Catulo no *Poema* 63. O poeta nos conta que Átis é levado pelo mar até a Frígia. Nos bosques frígios, fora de si e por ódio a Vênus, ou seja, ao amor, Átis teria se emasculado. Sobre os *galli*, a quem Átis chama para lhe seguir em um cortejo cheio de sonoridade, Catulo os trata no feminino, deixando claro seu tom de reprovação por se emascularem em honra à Cibele. Átis se arrepende de seu ato e deseja voltar à sua pátria, mas era tarde demais, a fúria da deusa fora desperta e ela encarrega

⁵ Embora na imaginação romana era o *gallus* que estava ligado ao culto (BEARD, 2012, p. 340-341), sendo visto como um ser estrangeiro exótico na literatura, havia diferentes oficiais do culto de Cibele e Átis no Império Romano

um de seus leões de ir buscá-lo. O poeta termina desejoso de que a deusa mantenha sua fúria longe dele.

Já conforme Ovídio (*Fastos*, IV, 223-246), Átis jurou fidelidade e sua castidade à Cibele. No entanto, ele a traiu com a ninfa Sagarite, emasculando-se ao perceber a ira da deusa. Seguindo o exemplo de Átis, os *galli* se emasculam. Segundo o geógrafo grego Pausânias (*Descrição da Grécia*, VII, 17, 10-13), a castração de Átis envolveu os ciúmes que ele despertou em Agdistis, um *daimon* andrógino, mas também uma deusa reinterpretada como Cibele, de acordo com Estrabão (*Geografia*, XII, 5, 3). Em versões do mito, Átis teria se emasculado sob um pinheiro, que é levado por Cibele a uma caverna, onde ela chora a morte de seu amante. Do sangue de Átis teriam nascido violetas púrpuras usadas no culto frígio (DECHARME, 1887, p. 1681). Por conta dessa história mitológica, o calendário romano continha festejos na primavera em honra à *Mater Magna*. Nestas festas, havia uma procissão que levava um pinheiro venerado como o próprio Átis para o templo de Cibele, em Roma.

Possivelmente, esse mito e rito são originários de culturas agrárias ancestrais nas quais, através de dramatizações místicas, a terra, que floresce e continua a dar frutos, é fertilizada por um deus jovem (filho ou amante de uma deusa). Esse deus morre e renasce anualmente, seguindo a rotação das estações. Houve, então, em diversas culturas antigas, uma espécie de protótipo da divindade masculina da qual Átis fazia parte (GONZÁLEZ SERRANO, 1995).

Dessa maneira, a prática realizada pelos *galli*, que lhes retirava a virilidade segundo as representações literárias, estava ligada ao mito de Átis. Ou seja, o mito narra e dá sentido ao rito. Ao realizar uma interferência em seu corpo, o *gallus* estaria rememorando o mito de Átis. A partir disso, pontuo que estou fazendo uma leitura de mito seguindo Mircea Eliade (2001), que mostra que os mitos desempenham papel importante porque revelam como uma determinada realidade veio à existência, estando, muitas vezes, ligados aos ritos. Os ritos, por sua vez, são a vivência e a reatualização do mito, necessárias para a manutenção da ordem cósmica e social.

Além da literatura, houve outros meios da população do Império Romano conhecer o mito de Cibele e Átis, como em representações artísticas nos interlúdios nos jogos do anfiteatro ou nos circos (DECHARME, 1887, p. 1689), em dramas mitológicos encenados nos festejos, nas moedas comemorativas (contorniatos) e em relevos e estátuas. Acredito que será por meio desse conhecimento disperso e por variados meios, além do literário, que o mito chegará na população de Mogonciaco, que fará uso de sua simbologia nos rituais dos tabletes encontrados em escavações do antigo Templo de Ísis e *Mater Magna*.

Sabendo disso, vejamos agora elementos sobre o tipo de suporte material aqui analisado.

As *defixiones* de Mogonciaco

As *defixiones* (*defixio*, no singular) são pequenas lâminas/tabletes, geralmente de chumbo ou, em alguns casos, de ligas de outros metais como o estanho, com imprecações mágicas escritas em latim e encontradas pelos arqueólogos em locais como antigos túmulos (em especial de pessoas mortas de forma prematura), poços e santuários. Essas lâminas são conhecidas também como placas de maldição, *curse tablets* é o termo usado frequentemente em inglês para definir o material. Tais objetos eram usados para escrever o texto mágico com a função, em geral, de amaldiçoar.

O conjunto destes tabletes foi denominado pelos pesquisadores como *tabellae defixionum* ou *tabulae defixionum*, referindo-se ao material em latim, e de *κατάδεσμος/katadesmos*, referindo-se ao grego. De acordo com Fritz Graf (1994, p. 157), o verbo *καταδέω/katadeo*, que aparece com frequência nas fórmulas mágicas dos chamados *κατάδεσμοι/katadesmoi* gregos, transmite a ideia de prender, amarrar e imobilizar. Vários verbos em grego nos *katadesmoi*, ou latim nas *defixiones*, também entravam no rito trazendo a ideia da restrição, havendo uma força da linguagem a fim de imobilizar a pessoa no sentido desejado (OGDEN, 2004, p. 42-43). Em seu estudo das *defixiones* latinas da região do Lácio, Carlos Eduardo da Costa Campos (2022) aponta a aparição do verbo latino *defigo*, traduzido por ele como fixar.

As primeiras coletâneas destes suportes mágicos foram organizadas por Richard Wünsch, em 1897, denominada *Defixionum Tabellae Atticae* (DTA) e por Auguste Audollent, em 1904, denominada *Defixionum Tabellae* (DT). Em 1985, David R. Jordan publicou *A survey of Greek defixiones not included in the special corpora*. Atualmente, o banco de dados mais completo disponível é o TheDefix (*Thesaurum Defixionum*),⁶ que inclui mais de 1.700 achados. No Brasil, destaco os esforços de Carlos Eduardo da Costa Campos (2022), reunindo e traduzindo *defixiones* da região do Lácio, produzidas entre o século I AEC e II EC, além de seu trabalho (2014) com seis lâminas mágicas da região de Sagunto (na atual Espanha). Destaco também a pesquisa de Renata Cazarini de Freitas e Pedro Paulo de Abreu Funari (2018), com a tradução e análise de trinta e duas placas de

⁶ Disponível em: https://heurist.fdm.uni-hamburg.de/html/heurist/?db=The_dema&website&id=41774. Acesso em 15 dez. 2022.

imprecação da província romana da Britânia. Em estudo mais recente (no prelo), Freitas também traduziu e analisou seis placas da antiga Mogonciaco.

As magias contidas neste tipo de suporte abarcavam variados aspectos da vida. Auguste Audollent (1904, *apud* CAMPOS, 2022, p. 105) classificou as *defixiones* em quatro categorias conforme seu conteúdo: *defixiones iudicariae*, *agonisticae*, *amatoriae* e *infures*. Ou seja, referindo-se a processos jurídicos, competições atléticas e teatrais, casos de amor e rivalidades nos negócios e intrigas por propriedades ou contra inimigos de diversos tipos e roubos. Além destas classificações, Henke Versnel (1991; 2010) sugeriu o uso do termo *orações por justiça* para classificar um tipo singular de inscrições mágicas que apelavam por vingança contra um dano sofrido (roubo, falsas acusações, calúnia, etc.) e usavam uma linguagem suplicante. Segundo Campos (2022, p. 107), “Orações por justiça, geralmente, incluem o nome do autor, um endereço, uma divindade local e eles incluem também uma motivação para a entrega da oração.” Neste tipo de material, parece que os agentes se sentiam moralmente justificados em recorrer à prática mágica para corrigir um erro (VERSNEL, 1991, p. 63). A partir dessa concepção de Versnel, é possível pensar que algumas das *defixiones* analisadas neste texto (DTM 1, DTM 2 e DTM 6) se encaixem na categoria. Porém, não vejo sentido na separação, pois mesmo havendo súplica à *Mater Magna*, há um desejo de vingança cruel em relação à vítima que é amaldiçoada.

As cinco *defixiones* aqui analisadas fazem parte de um conjunto de trinta e quatro lâminas de chumbo encontradas no Templo de Ísis e *Mater Magna* de Mogonciaco, produzidas entre os anos de 70 e 130 EC. Parte delas está muito ou parcialmente danificada e vinte e sete foram encontradas na parte interna do santuário.

Tal conjunto de *defixiones* foi, primeiramente, transcrito e catalogado por Jürgen Blänsdorf no catálogo conhecido como DTM, publicado em *Die defixionum tabellae des Mainzer Isis- und Mater Magna-Heiligtums*.⁷ Além desse catálogo, parte do material em latim e traduzido para o inglês pode ser encontrado nos textos *Cybèle et Attis dans les tablettes de defixio inédite de Mayence* (2005) e *The defixiones from the Sanctuary of Isis and Mater Magna in Mainz* (2010), de Blänsdorf. Há também o texto *Defixiones and the Temple Locus. The Power of Place in the Curse Tablets at Mainz* (2017), de Sarah Veale, que traz a transcrição latina feita por Blänsdorf e a tradução da autora para o inglês de dezenove lâminas.

Cumprе destacar que as *defixiones* de Mogonciaco “são maldições provocadas por fraude, roubo de dinheiro ou joias, peculato, rivalidade ou ciúme” (BLÄNSDORF,

⁷ Conforme Renata Cazarini de Freitas (no prelo), “a publicação alemã de 2012, reunindo todas as placas editadas por Jürgen Blänsdorf, inclusive um DVD com imagens, está esgotada e não consta de acervos bibliográficos no Brasil.”

2010, p. 163). Um dos elementos mais interessantes que os tabletes de Mainz trazem é a sugestão de que certos tipos de maldições podem ser qualificados como uma atividade religiosa normativa própria do lugar, quebrando as fronteiras demarcadas outrora entre magia e religião pelos pesquisadores. Como mostra Veale (2017, p. 281), “a descoberta de tabletes de maldição ao lado de outros ex-votos nos convida a pensar o praguejar em Mainz não como uma tecnologia religiosa desviante, mas sim, como uma prática ritual normativa do local.” Além disso, “as tabuinhas sugerem que aqueles que amaldiçoavam viam a maldição como uma maneira de negociar suas preocupações diárias com a ajuda do divino” (VEALE, 2017, p. 301).

Deste interessante material, selecionei cinco *defixiones* (DTM 1, 2, 6, 10 e 12) que trazem menções aos *galli*. Para a análise das *defixiones* 1, 2 e 6, foi usada a tradução do latim para o português de Renata Cazarini de Freitas (no prelo). Para as *defixiones* 10 e 12, a tradução para o português foi feita por mim a partir do material publicado em latim e inglês no texto de Veale (2017). Todas traduções trabalham com as transcrições feitas por Blänsdorf.

Passemos agora para dados sobre o local de depósito do material e depois para sua análise.

A Grande Mãe, Átis e o corpo dos *galli* nos rituais das *defixiones* latinas do Tempo de Ísis e *Mater Magna*

O chamado Templo de Ísis e *Mater Magna* de Mogonciaco foi fundado no século I, provavelmente no final do governo de Nero (54-68) ou no início do período flaviano (69-96) e parece ter estado em atividade até o século III. Vestígios de templos para Ísis ou para Cibele são raros nesta região, sendo o templo em questão o primeiro do Império Romano em que as duas deusas aparecem juntas. Nenhuma tradição antiga explica as razões das duas deusas serem cultuadas na mesma área sagrada. Blänsdorf (2010, p. 145) acredita que tal fato seja possível devido à semelhança entre os dois cultos, sendo ambas deusas-mães de origem oriental. Mesmo não tendo uma melhor opinião para elucidar a questão, destaco que Cibele já era cultuada oficialmente há mais de duzentos anos em Roma e talvez até mais que isso não oficialmente, já sendo uma deusa romana bem ambientada. Da mesma forma, cumpre perceber que Ísis é uma deusa egípcia de uma localidade muito diferente da originária de Cibele (a Frígia), com dinâmicas distintas. É questionável, portanto, a concepção em comum para ambas como deusas orientais. Tal leitura é fruto das classificações modernas do que é Oriente e Ocidente, em minha leitura.

Voltando à história do templo de Ísis e *Mater Magna*. Em 1999, durante a construção de uma galeria de lojas na área central da cidade alemã de Mainz, foram encontrados vestígios de dois antigos templos justapostos em um mesmo santuário, dedicados a Ísis e à *Mater Magna*. Dada a localização da antiga Mogonciaco e sua importância como capital da Germânia Superior, bem como o local do santuário em uma área de bastante trânsito, o templo parece ter tido o potencial de atender muitas pessoas que viviam ou passavam pela cidade (VEALE, 2017, p. 304).

O santuário possuía várias salas para realização de cultos místicos, salas para reuniões e banquetes, um poço e uma latrina, além de diversos fossos sacrificiais para queima de materiais e cinco áreas de sacrifício, onde foram achados diversos restos de oferendas, três bonecas de amarração e algumas *defixiones* (BLÄNSDORF, 2005, p. 671; 2010, p. 143). Na imagem abaixo (Figura 1), é possível ver o atual museu no sítio arqueológico do antigo templo.

Figura 1 – Restos estruturais do santuário de Ísis e *Mater Magna* da antiga Mogonciaco. Taberna Archaeologica, Mainz



Disponível em: <http://museen.de/isis-und-mater-magna-heiligtum-mainz.html>. Acesso em: 13 dez. 2022.

A escrita das *defixiones* de Mogonciaco é bastante variada, embora as letras, em sua maioria, sejam maiúsculas, conforme o padrão epigráfico latino. Quase todo material foi depositado dobrado e/ou enrolado (Figura 2). O tom da mensagem mistura a súplica

solene das orações com o imperativo. Como veremos no próprio texto das *defixiones*, que trazem o elemento do desejo de derretimento do inimigo como a lâmina, muitas delas foram jogadas ao fogo a fim de derreter. O derretimento no fogo tinha um sentido mágico na ação pretendida na vítima. As *defixiones* que podem ser estudadas atualmente foram as que sobreviveram ao fogo.

Figura 2 – Imagem de uma *defixio* de chumbo enrolada em um osso e encontrada no Templo de Ísis e *Mater Magna*



Disponível em: <https://defixiones.uni-mainz.de/about/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Em relação a quem realizava essas magias, não há nada que indique uma profissionalização do ato de fabricação e escrita dos tabletes no caso do material de Mainz, nem as características típicas de pessoas eruditas que começaram a aparecer durante o século II em lâminas de outras regiões do Império (BLÄNSDORF, 2010, p. 146-147). Além disso, pelo padrão de escrita e pelas *defixiones*, aparentemente, terem sido elaboradas pelos próprios petionários da ação, Blänsdorf (2010, p. 163) conclui que os produtores do material parecem pertencer à camada média ou mesmo às camadas mais altas do local, pessoas que não necessitaram de um escriba e que, além disso, demonstravam certos conhecimentos de leis, aludindo termos do direito romano e usando de uma retórica popular. Há lâminas com uma escrita mais vulgar, enquanto há outras (ou um outro lado da mesma) com um latim mais elegante e uma escrita harmoniosa (BLÄNSDORF, 2005, p. 686), havendo ao menos uma delas com palavras eruditas.

Blänsdorf (2010, p. 146) informa que as *defixiones* encontradas em Mainz mostram a Grande Mãe sendo invocada em tabletes de maldição pela primeira vez, não havendo nenhuma *defixio* clamando por Ísis. Como já comentado, escolhemos para analisar cinco das trinta e quatro *defixiones*, aquelas que fazem menção ao processo de castração dos

galli. Apresentarei a seguir as traduções para, em seguida, levantar algumas considerações sobre o uso do corpo dos sacerdotes nas maldições.⁸

Quadro 1 – DTM 1 - inv. 72, 3

Texto em latim	Tradução (grifo meu)
<p>Lado de dentro Mater Magna, te rogo, p(e)r (t)ua sacra et numen tuum, Gemella fib(u)las meas qualis sustulit, sic et illam REQVIs [rogo?] adsecet ut nusquam sana sí(t). Quomodo Galli se secarunt, sic e[? uelis nec?] se secet sic, uti planctum ha[be]at. Quomodo et sacrorum deposierunt in sancto, sic et tuam uitam ualetudinem, Gemella. Neque hostiis neque au(- ro neque argento redi(- <i>mere possis a matre deum, nisi ut exitum tuum populus spectet. Verecundam et Pater(- nam, sic illam tibi com(- mendo, Mater deum Magna, rem illorum in AECRVMO DEO VIS qua(- le rogo co(n)summent(u)r quomodo et res meas uire(- sque fraudarunt, nec se possint redimere nec hosteis lanatis</p>	<p>Grande Mãe, rogo-te, pelo que te é sagrado e numinoso, que a Gemela que meus broches roubou, assim também ela... separe pra não ter parte saudável. <u>Tal como os <i>galli</i> se mutilaram,</u> <u>assim também ...ela se mutila pra</u> <u>que tenha seu lamento. Tal como</u> <u>eles entregaram suas oferendas</u> <u>no templo, assim também tua vida,</u> <u>tua saúde, Gemela, [entregues].</u> Nem com sacrifícios, nem com ouro, nem com prata, possas te redimires junto à mãe dos deuses a não ser que o povo veja a tua morte. Verecunda e Paterna, a ti a[s] confio, Grande Mãe dos deuses, a situação delas... rogo que sejam destruídas como também as minhas coisas e recursos expropriaram, e que não possam se redimir nem com oferendas de ovelhas,</p>

⁸ Mantive os sinais diacríticos que aparecem nos textos estabelecidos em latim das traduções aqui utilizadas. Freitas (no prelo) explica que os sinais por ela utilizados são: [] letras ilegíveis, () letras faltantes, < > letras a serem excluídas. Sequências de letras sem sentido, mas que não se configuram como *voces magicæ*, virão em maiúscula. A convenção dos sinais diacríticos usados no texto em latim de Veale (2017), DTM 10 e 12, não são apresentados pela autora, mas diferem do padrão adotado por Freitas. Como optei por utilizar uma tradução já feita para o português por uma pesquisadora brasileira de três *defixiones*, preferi manter os padrões por elas usados mesmo com as diferenças.

<p>Lado de fora nec plum<i>bis nec auro nec ar(- gento redimere a numine tuo, nisi ut illas uorent canes, uermes adque alia portenta, exitum quarum populus spectet. Tamquam quae <C> FORRO (MO L?) auderes comme[ndo] duas TAMAQVANIVCAVERSSO scriptis istas AE RISS . ADRICIS . S . LON a . illas, si illas cistas caecas, aureas, FECRA E[.] I [.]LO[.]AS OV[.]EIS . mancas A</p>	<p>nem com ouro, nem com prata redimir-se junto a teu nume, a não ser que as devorem os cães, vermes e outros flagelos, [a não ser] que sua morte o povo veja. Como... ...confio duas ... com escritos essas aquelas, se aqueles cestos secretos, dourados... </p>
---	--

Na impreciação contida na DTM 1, a pessoa suplicante, de nome não identificado, amaldiçoa três mulheres acusadas de roubo: Gemela, Verecunda e Paterna. A primeira delas, Gemela, é tida como a ladra de um broche. A magia busca que a Grande Mãe faça com que Gemela se mutile como os *galli* a fim de receber o sofrimento desejado. Assim como nos variados exemplos literários já analisados por mim em outros artigos (SILVA, 2020; 2021), temos, claramente, a visão de que a prática que envolvia o ritual no corpo dos *galli* era uma mutilação, algo negativo, portanto, e propício para ser usado em uma maldição. Além disso, nesta lâmina, é possível ver que o/a praticante da magia sabia que os sacerdotes da Grande Mãe entregavam um certo tipo de oferenda no templo, rogando para que a deusa puna Gemela com a entrega de sua própria saúde e vida.

Infelizmente, pela natureza do material que chegou até nós, sabemos muito pouco sobre as práticas ritualísticas em si realizadas pelos *galli*, havendo diversos outros atores envolvidos no culto de Cibele e Átis, como magistrados que presidiam os jogos e tocadores de variados instrumentos musicais utilizados nas celebrações. Os papéis dos sacerdotes castrados, entretanto, são difíceis de serem definidos (DUBOSSON-SBRIGLIONE, 2018, p. 128). Não sabemos o *status* desses sacerdotes nas cerimônias e nem quais funções executavam com precisão. Mas, sabemos que, por volta do século II, uma prática de sacrifício de touros com a oferta do falo desses animais em um ritual visando à saúde do dedicante passou a ser realizado como parte dos rituais metroacas, envolvendo a força do pênis do touro sacrificado. O pesquisador Jeremy Rutter (1968) chegou a sugerir que o taurobólio era um ritual de substituição do corte do pênis de homens para a oferta do falo do animal.

O epigrafista Robert Duthoy (1969) observa que não há evidências sobre o uso do pênis do touro em substituição ao humano. Mas Duthoy confirma que as várias inscrições de ofertas de taurobólios à Grande Mãe por ele analisadas mostram que os órgãos genitais do animal eram removidos (*excipere*), dedicados (*consecrate*) e finalmente enterrados (*considerere*), provavelmente, no local onde uma pedra memorial era erguida (DUTHOY, 1969, p. 74).

A hipótese possível que levanto a partir disso é que a pessoa que elabora a maldição da DTM 1 parece saber que os sacerdotes de Cibele ofertavam algo em rituais que buscavam a saúde do dedicante, realizando aí uma analogia com o que deseja à Gemela, que ela tenha sua saúde entregue à deusa, perdendo a mesma. Como os sacerdotes de Cibele ofertam algo em honra à saúde de quem os procurava para realização do rito, Gemela teria sua saúde ofertada, visando sua morte.

Outro elemento ligado ao mito de Cibele e Átis interessante nesta *defixio* está nos termos identificados por Blänsdorf (2010, p. 184-185) como *cistas caecas aureas sacras* e traduzido para o inglês como *golden holy boxes*. Também identificado por Freitas (no prelo) como *cistas caecas aureas* e traduzido para o português como *cestos secretos dourados*. Tais termos, em uma frase pouco legível, podem demonstrar o conhecimento do fabricante da placa sobre a mitologia em torno da existência nos templos da Grande Mãe, de um recipiente sagrado que continha os órgãos genitais de Átis (BLÄNSDORF, 2010, p. 185, VEALE, 2017, p. 306). Outra hipótese possível é que tais termos estariam se referindo ao recipiente onde era colocado o *vires* do touro nos rituais de taurobolia. No entanto, se de fato as lâminas de Mogonciaco tenham sido produzidas entre os anos de 70 e 130 EC, tal hipótese pode ser descartada, uma vez que, segundo Duthoy (1969, p. 116), os ritos de taurobolia só foram incorporados ao culto de Cibele por volta de 160. Infelizmente, as linhas onde estão estes termos encontram-se muito danificadas pra avançarmos na análise.

Quadro 2 – inv. 182, 18

Texto em latim	Tradução (grifo meu)
<p>Lado único quisquis dolum malum adm(isit de) hac pecun(i)a [---nec] ille melior et nos det(eri)ores sumus (----- -----) Mater deum, tu persequeris per terras, per (maria, per locos) ar(i)dos et umidos, per benedictum tuum et o(mnes ---. Qui de hac) pecunia dolum malum adhibet ut tu perse(quaris---. Quomodo) galli se secant et praecidunt uirilia sua, sic il(le--) R S Q intercidat MELORE pec(tus?...)BISIDIS (ne) que se admisisse nec(...) hostiis si(n)atis nequis t(...) neque SUT[.] TIS neque auro neque argento neque ille solui (re)fici redimi possit. Quomodo galli, bellonari, magali sibi sanguinem (fe)ruentem fundunt, frigid(us) ad terram uenit, sic et (...) copia, cogitatum, mentem. (Quem-) admodum de eis gallo(r)u(m, ma)galorum, bellon(ariorum sanguinem?) spectat, qui de ea pecunia dolum malum (admisit, sic illius) exitum spectent, et a(d qu)em modum sal in (aqua liques-) cet, sic et illi menbra m(ed)ullae extabescant. Cr(a)s (ueniat) et dicat se admisisse ne(fa)s. D(e)mando tibi rel(igione) ut me uotis condemnes et ut laetus libens ea tibi referam, si de eo exitum malum feceris.</p>	<p>Mãe dos deuses, tu persegues através de terras, (mares, lugares) áridos e úmidos, pelo teu abençoado [Átis] e t(odos)... (Quem deste) dinheiro acolhe a malversação que tu o persigas... (Tal como) <u>os <i>galli</i> se mutilam e amputam seus testículos, assim ele...</u> <u>rasgue... o peito (?)</u> e não o perdoais por ter admitido, nem com oferendas para que ninguém... nem... nem com ouro nem com prata nem que ele possa livrar-se, refazer-se, redimir-se. <u>Tal como os <i>galli</i>, <i>bellonari</i>, <i>magali</i> vertem seu sangue fervendo e frio</u> <u>chega ao chão, assim também... eloquência, pensamento, mente. (Do mesmo) modo que desses <i>galli</i>, <i>magali</i>, <i>bellonari</i> o sangue (?)</u> ele vê, quem admitiu a malversação desse dinheiro, assim também vejam a morte dele, e do mesmo modo que o sal na (água dissol-) ve, assim também definem seus membros e suas forças. Que venha o dia em que ele diga ter admitido o sacrilégio. Pelo que é sagrado, em ti confio que me atendas os votos e que eu te retribua satisfeito e disposto, se deres a ele uma morte ruim.</p>

Na DTM 2, temos uma longa maldição com a menção do que o/a praticante achava que era removido no corpo dos *galli*: seus órgãos genitais masculinos, ou seja, sua masculinidade. Como já comentei na introdução deste artigo, não há nenhuma certeza sobre o que acontecia no corpo do iniciado, se era removida toda genitália do indivíduo, incluindo seu pênis, como aponta a literatura antiga e defende Philippe Borgeaud (1996; 2004, *apud* ALVAR EZQUERRA, 2008, p. 247), se eram retirados apenas os testículos, como pontua Lynn Roller (1998, p. 118-119) ou se eram removidos os testículos e o escroto, opinião de Alvar Ezquerria (2008, p. 250). Na tradução de Freitas (no prelo) aqui utilizada, a opção foi por traduzir *virilia* como testículos. De fato, segundo James Noel Adams

(1982, p. 69-70), o termo latino *virilia*, eufemismo comum para a genitália masculina, em contextos que se referem à castração, poderia se referir aos testículos.

Ainda que a DTM 2 não possa trazer nenhuma certeza de que eram os testículos o que era retirado do corpo dos *galli*, pela natureza do seu material, talvez tenhamos aqui mais um elemento para questionar a imagem exagerada da literatura que dizia que o pênis dos sacerdotes era cortado nos cultos. O poeta Marcial, por exemplo, fez várias menções aos processos de castração dos sacerdotes de Cibele. O termo *mentula*, usado em tom de zombaria várias vezes nos epigramas de Marcial (*Epig.*, 2, 45; *Epig.*, 3, 81; *Epig.*, 9, 2, 13-14), junto com a palavra *penis*, outra gíria latina, nos sugerem que Marcial dizia que o pênis era cortado nos rituais. O uso da palavra *testes*, em *Epig.*, 13, 63, traz, por sua vez, a ideia do corte dos testículos.

A leitura de Alvar Ezquerro (2008, p. 250), que corroboro, é que escritores como Marcial não tinham interesses técnicos, não estavam preocupados com o que era realizado em si nos rituais, eles estavam tratando do “significado social da masculinidade”. Dessa maneira, o imaginário sobre o *galli* servia como um meio pelo qual os aristocratas romanos pensavam sobre si próprios.

Na DTM 2, independentemente do conhecimento técnico em relação ao que acontecia no corpo dos sacerdotes, temos a mesma ideia trazida pela literatura de que a prática dos *galli* era extremamente negativa, tal como uma maldição que podia se abater na vida de um inimigo por meio da magia simpática. No entanto, talvez a retirada apenas dos testículos seja o caminho para a compreensão de não termos relatos nos tratados médicos sobre mortes desses sujeitos, o que seria o mais esperado em um procedimento que retirasse toda a genitália, em especial devido às condições sanitárias do contexto antigo.

Outras duas nomenclaturas sacerdotais são mencionadas na DTM 2, *bellonari*, sacerdotes da deusa romana da guerra Belona, e *magali*. Esses últimos talvez tenham sido uma versão localizada em Mainz de sacerdotes de Cibele (FREITAS, no prelo). Blänsdorf (2012, *apud* VEALE, 2017, p. 284) identifica *magali* como um sacerdócio, possivelmente, relacionado à Ísis ou Mitra. Novamente, temos na *defixio* uma informação que aparece na literatura. O poeta Juvenal (*Sat.*, 6, 513-516), contemporâneo de Marcial, identifica os seguidores de *Mater Magna* e Belona com base em sua visão sobre a prática de mutilação realizada por ambos (VEALE, 2017, p. 284). O poeta Tibulo (*Elegia*, 1, 6, 45-50) diz que sua amada Délia cortava seus braços e passava seu sangue na estátua de Belona.

O sangue dos sacerdotes vertendo ao chão é outro elemento utilizado na imprecisão da DTM 2. A literatura latina destacou o sangue presente nos ritos de sacerdotes castrados, como podemos ver nesta passagem de Apuleio, escritor do século II, ao tratar dos seguidores da deusa síria:

Enfim, apanhando o que é atributo por excelência desses semi-homens, um chicote que consistia em delicadas tranças de lã natura, terminadas por longas fímbrias e guarnecidas com ossinhos de carneiro em todo o comprimento, fustigou-se a grandes golpes com o nodoso instrumento, opondo à dor uma prodigiosa resistência. Podia-se ver o solo, sob o relampejar dos gládios e o entrecruzar de chicotadas, molhado do impuro sangue desses efeminados. (*O asno de ouro*, 8, 28).

Veale (2017, p. 284) acredita que o sangue na imprecação da DTM 2 faça analogia à perda das faculdades mentais, o que parece uma hipótese interessante se comparada também com a perda de sangue e com a visão sobre os *galli* como insanos comum na literatura, o que apresentarei na análise da próxima lâmina.

Quadro 3 – DTM 6 - inv. 31, 2

Texto em latim	Tradução (grifo meu)
<p>Lado único Quintum in hac tabula depono auersum se suisque rationibus uitaeque male consum(- mantem. ita uti galli bellonariue absciderunt concide(- runtue se, sic illi abscissa sit fides fama facul<i>tas. nec illi in numero hominum sunt, neque ille sit. quomodi et ille mihi fraudem fecit, sic illi, sancta Mater Magna, et [relegisti ?] cuncta. ita uti arbor siccabit se in sancto, sic et illi siccet fama fides fortuna facul<i>tas. tibi commendo, Att<i>hi d(o)mine, ut me uindices ab eo, ut intra annum uertent(em..) exitum illius uilem malum.</p>	<p>Nesta tábula, entrego o Quinto, avesso a si e às próprias razões, que se vai destruindo em vida. <u>Assim como os <i>galli</i> ou os <i>bellonari</i> se dilaceraram ou se cortaram assim fiquem fé, fama, faculdade mental dele dilaceradas.</u> <u>Nem eles são considerados humanos, nem ele o seja.</u> Tal como ele me expropriou, Grande Mãe sagrada, assim retomes tudo dele. Bem como a árvore secará no templo, assim também sequem fama, fé, fortuna, faculdade mental dele. [Confio a ti, Átis, senhor, que me vingues dele, que dentro de um ano... a morte dele vil e ruim.</p>
<p>Lateral ponit nom(en) huius mari(- tabus. si agatur ulla res utilis, sic ille nobis utilis sit suo corpore. sacrari horr(e)bis.</p>	<p>[Alguém] entrega o nome dele para as esposas. Se for de alguma forma útil, assim nos seja útil seu corpo. De seres amaldiçoado, terás horror.</p>

A motivação da DTM 6 é destruir um homem chamado Quinto por ter expropriado o requerente. Temos uma analogia aos cortes dos sacerdotes castrados que podiam dilacerar a fé, a fama e até as faculdades mentais da vítima. Tal menção novamente

é consonante ao que a literatura apresenta. No *Poema 63*, Catulo diz que, em êxtase frenético, Átis cortou seus membros viris com um sílex em devoção à Cibele. Catulo ainda descreve o frenesi dos sacerdotes e o estado de loucura com que Átis os guia (CATULO, *Poema, 63, 12-36*).

No exagero da música e na comparação dos *galli* com as Mênades (CATULO, *Poema 63, 23*), seguidoras de Dioniso, temos um elemento bem interessante desses cultos. Catulo vê os *galli* não possuindo domínio de si, são desmedidos, descontrolados e frenéticos como as Mênades. Ovídio (*Fastos, IV, 365*) conta que quem bebia as águas do rio Galo, na Frígia, endoidava (*furit*). O Rio Galo é o que dá nome aos *galli*.

Assim, conforme Will Roscoe (1996, p. 202):

Os escritores antigos consideravam os *galli* equivalente aos grupos Coribantes e Curetes que realizavam ritos destinados a beneficiar os participantes individualmente (em oposição a honrar um deus). De Platão, em particular, aprendemos que os ritos coribânticos tinham como objetivo restaurar a paz de espírito aos indivíduos que sofriam de sofrimento psicológico, induzindo uma forma temporária de cura de loucura ou perda de consciência (um exemplo de expulsão de *μανία* boa o ruim). Essa era a função da música alta e estridente, descrita como uma cacofonia de flautas, pratos e tambores, que acompanhava suas apresentações. A desordem sensorial, como o estudo de ritos religiosos de todo o mundo revela, o poder de criar estados liminais de consciência em que as distinções normais, incluindo, em alguns casos, aquelas de gênero, são suspensas, e este estado é o prelúdio para uma reintegração subsequente, que pode ser social, psicológica ou fisiológica. Acredito que uma resposta semelhante, uma catarse coletiva por parte dos espectadores, foi o efeito pretendido dos ritos públicos dos *galli*.

Ainda que possa haver um exagero retórico nas descrições das cenas do cortejo das festas e dos ritos em honra à Cibele por parte dos escritores, é muito possível que as práticas religiosas nas quais os *galli* eram iniciados envolvessem estados alterados de consciência. Na DTM 6, por meio da analogia mágica, é possível ver como esse estado mental desordenado é rogado à vítima, mostrando uma característica presente no imaginário sobre os sacerdotes que novamente corrobora os testemunhos literários.

Outra analogia da DTM 6 é o desejo de que, assim como os *galli* não eram considerados humanos, também fosse a vítima da impreciação. Essa impreciação diz muito sobre a forma como os *galli* eram percebidos pela população. A inversão que o processo de castração causava nos sacerdotes era tida de forma tão violenta e bárbara que lhes retirava a própria humanidade. No contexto romano antigo, a delicadeza dos castrados era a antítese do *vir* romano, sendo tais sacerdotes considerados o tipo mais extremo de homem sem virilidade (WILLIAMS, 2010, p. 140), o que fica atestado nesta lâmina em minha leitura.

Blänsdorf (2005, p. 688) e Veale (2017, p. 285) observam que nesta *defixio* há uma curiosa analogia da destruição dos bens e da mente da vítima com a árvore seca

do santuário (*arbor siccabit se in sancto*), sendo uma provável referência ao elemento mitológico do pinheiro sob o qual Átis teria morrido depois de cortar seus órgãos genitais e que a deusa levou para seu templo.

Finalmente, no final da imprecação, o corpo da vítima é amaldiçoado, de onde é possível perceber bem o uso do corpo castrado dos *galli* e mesmo do corpo de Átis, referido na maldição em toda lâmina.

Quadro 4 – DTM 10 - inv. 182, 9

Texto em latim	Tradução
<p>Lado de dentro CO[.] L sibi settas facia[ti]s / [..]ita me(n)ses duos, ut eo-/rum ixsitum audiam. / [..]d[i]liquescant, quat{m}-/(5) modi diliquescet[---].</p>	<p>Faça-a adoecer internamente. . . e que, em dois meses, eu ouça sobre sua morte. Deixe-os derreter da maneira que isso derrete.</p>
<p>Lado de fora Mando et rogo, liber-/ta Cerialis ut ea ext[r]a / IPIVTI (ipsam?) fac[i]atis, ut se plan-/gat, [---u]elit se, quatmodum /(5) Arc[h]igalli se</p>	<p>Entrego e rogo a você: a liberta Cerialis, faça com ela essas coisas também . . . que ela chore. . . e que ela deseje ser como o Arquigalo // . . .</p>

Com um texto bem mais curto do que os das *defixiones* anteriores, na DTM 10, a vítima é uma liberta de nome Cerialis e a menção aqui não é aos *galli* diretamente, mas ao arquigalo (*archigallus*). Em algum momento da época imperial, que a historiografia tem conjecturado ser no governo de Cláudio (41-54) ou talvez de Antonino Pio (138-161), criou-se oficialmente a figura do arquigalo, alto sacerdote do culto, função que pôde ser exercida por um cidadão romano. Por conta da cidadania romana, há pesquisadores, como Alvar Ezquerria (2008, p. 274), que acreditam que tal função não era exercida por um sacerdote castrado. Talvez seja por conta disso que a castração de romanos tenha sido proibida por lei no século II (BEARD, 2012, p. 341). Lara Dubosson-Sbriglione (2018, p. 181-182), infere que, talvez, o *archigallus* fizesse uma vasectomia, como ela defendeu fazerem os *galli* de forma geral, sendo que, sob a lei romana, esta operação poderia não ser considerada uma castração propriamente, não envolvendo uma degradação social. A ambiguidade desse processo poderia, para Dubosson-Sbriglione (2018, p. 184-185), explicar o que ela chama de “confusão comprovada em testemunhos antigos”. Ou, em outra hipótese que ela levanta, a castração era obrigatória para os *galli* e opcional para os *archigalli*.

Não há como chegar à uma conclusão certa sobre isso, mas, pela DTM 10, é possível ver que ao menos o/a praticante dessa magia, acreditava que o corpo do Arquigalo

também havia passado pela castração que, além do mais, é vista como um processo de sofrimento.

Outra analogia mágica clara na DTM 10 é entre o derretimento da lâmina que será jogada no fogo e o desejo de derretimento às vítimas da magia. Aqui, embora apenas Cerialis seja nomeada, o plural *diliquescant* (traduzido como deixe-os derreter) sugere que poderia haver várias vítimas (VEALE, 2017, p. 289).

Quadro 5 – DTM 12⁹ - inv. 182, 14A

Texto em latim	Tradução
<p>Lado de dentro sic[...s] siccum QUANMI / qu[omo]di hos liquescet / se[... sic co]llum membra / me[du] lla peculium / (5) d[e]l[i]ques[ca]nt</p>	<p>seco, como esta [tábua] derrete, pescoço, membros, medula e fortuna derretam</p>
<p>Lado de fora eoru(m) quamodum / galorum angat se. / s[ic i]lla aga(t), ut de se / [pr]obant (?). tu dom(i)na es, / (10) fac, ut X mensibus / exitum illorum / sit.</p>	<p>como os <i>galli</i> se machucam assim, também, que ela passe pelo que eles passam. Você é a senhora, faça isso, de modo que, em dez meses, seus negócios perecem.</p>

A DTM 12 reitera o sofrimento que a população presumia passarem os *galli* em seu processo de castração. Novamente a visão negativa sobre o ato praticado pelos sacerdotes está acima das expectativas positivas sobre suas práticas. Certamente a castração dos *galli* era um processo religioso e que poderia envolver tanto um sacrifício em honra à deusa, como a passagem para uma vida ascética. Ou seja, poderia ser sentida como uma provação ou uma dádiva pelo praticante. Mesmo que fosse vista como uma provação, o que de fato não há como saber, certamente não era algo negativo ao indivíduo que se voluntariava a ser iniciado, era uma escolha.

Em uma interessante passagem do *Evangelho de Mateus* (19: 12), texto escrito possivelmente na mesma época ou em um período muito próximo ao da fabricação das *defixiones* em análise, temos “Com efeito, há eunucos que nasceram assim do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda.”

⁹ A DTM 12 foi encontrada enrolada com a DTM 11 em uma área externa ao santuário. O texto de uma é continuação ao de outra. Como a DTM 11 não faz nenhuma menção aos *galli*, não a trouxe para análise aqui. No entanto, um trabalho com objetivos diferentes dos deste artigo, deve considerar as duas lâminas juntas.

O texto de Mateus reconhece três tipos diferentes de sujeitos com padrões corporais não normativos ou realizando práticas de *cuidado de si* por diferentes motivos.¹⁰ Ao que é possível perceber na passagem, ao menos uma prática de castração podia ser compreendida como ascetismo, a daqueles que se faziam eunucos “por causa do Reino dos Céus.”

Portanto, se na DTM 12 prevalece a visão da mutilação que os *galli* realizavam em si durante a iniciação religiosa, desejável ao inimigo execrado, no Evangelho de Mateus, a prática dos sacerdotes castrados não é apresentada em seu aspecto mais negativo.

Considerações finais

Como comentei, junto às *defixiones* de Mogonciaco foram encontradas três bonecas de amarração. Talvez as cinco placas que mencionam os *galli* também tivessem essas bonecas representando a vítima amaldiçoada. Teria sido muito interessante se esse material tivesse sobrevivido, o que infelizmente não aconteceu.

Para concluir esse texto, cumpre observar que embora as *defixiones* analisadas não mencionem nada diretamente sobre a masculinidade dos *galli*, elas nos mostram como a população que realizou tais ritos possuía um verdadeiro estranhamento em relação a eles, vendo tais sujeitos a partir de uma perspectiva da autodestruição do corpo masculino. Além disso, assim como no *Poema 63* de Catulo, as *defixiones* da antiga Mogonciaco podem nos ajudar a situar as subversões de gênero, ao menos do ponto de vista do povo comum que usava elementos do corpo subversivo dos *galli* para suas práticas mágicas.

O mito de Cibele e Átis e o corpo de seus seguidores possuía, dessa maneira, um significado simbólico profundo. Assim, a visão negativa do corpo castrado dos sacerdotes da Grande Mãe era mais do que uma retórica presente na literatura, eles eram vistos também como anomalia e dissidência pela população que era capaz de evocar sua simbologia em práticas de maldição aos inimigos.

¹⁰ *Cuidado de si* é o subtítulo do volume 3 da *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, obra sobre textos dos primeiros séculos em torno da temática dos prazeres. Em linhas gerais, o *cuidado de si* em tal contexto seriam as éticas e formas de conduta ligadas à imagem social e à atuação política do indivíduo e também à sua saúde, à temperança, ao corpo e ao bom uso dos prazeres de forma geral. Foucault (2009) aponta como, no contexto romano, a insistência sobre esses cuidados foi tão intensa, especialmente ligada ao estoicismo, que podemos perceber uma verdadeira *cultura de si* entre os homens romanos das elites.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Profa. Dra. Renata Cazarini de Freitas (UFF) por me permitir usar suas traduções, ainda no prelo, de três das cinco *defixiones* analisadas neste texto. Agradeço também ao Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS/UEMS) pelos diálogos profícuos sobre história da magia na Antiguidade.

Referências

Documentação textual

- APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução, prefácio e notas de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- CICÉRON. *Discours*. Tome XIII, 2e partie: Sur la réponse des haruspices. Texte établi et traduit par Anne-Marie Tupet, Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- ESTRABÓN. *Geografía*. Libros XI-XIV. Introducción, traducción y notas de M^a. Paz de Hoz García-Bellido. Madrid: Editorial Gredos, 2003.
- JUVENAL. Satire VI. In: JUVENAL. *The Sixteen Satires*. Tradução de Peter Green. London: Penguin Classics, 1998, p. 127-175.
- OVÍDIO. *Fastos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*, Volume III (Books 6-8). Trad. W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1933.
- TITO LÍVIO. *Historia de Roma desde su fundación*. Libros XXVI-XXX. Traducción y notas de José Antonio Villar Vidal. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

Obras de apoio

- ADAMS, J. N. *The Latin sexual vocabulary*. London: Duckworth, 1982.
- ALVAR EZQUERRA, J. *Romanising oriental Gods: myth, salvation, and ethics in the cults of Cybele, Isis, and Mithras*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

- ALVES, J. P. M. *Elegias de Tibulo*: tradução e comentário. Tese em Letras defendida na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2014.
- BEARD, M. The cult of the 'Great Mother' in Imperial Rome. The Roman and the 'Foreign'. In: BRANDT, J.; IDDENG, J. (ed.). *Greek and Roman festivals*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 323-362.
- BLÄNSDORF, J. Cybèle et Attis dans les tablettes de *defixio* inédite de Mayence. *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 149^e année, n. 2, p. 669-692, 2005.
- BLÄNSDORF, J. The *defixiones* from the Sanctuary of Isis and Mater Magna in Mainz. In: GORDON, R.; SIMÓN, F. M. (Ed.). *Magical practice in the Latin West*. Leiden/Boston: Brill, 2010, p. 141-189.
- CAIROLI, F. P. *Marcial brasileiro*. 2014. Tese de Doutorado em Letras defendida na Universidade de São Paulo – USP, 2014.
- CAMPOS, C. E. C. *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. - I d.C.)*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2014.
- CAMPOS, C. E. C. *As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC – II EC)*: tradução e análise textual. Tese de Doutorado em Letras Clássicas defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2021.
- DECHARME, P. Cybelé. In: DAREMBERG, C. H.; SAGLIO, E. (ed.). *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Tome Premier. Deuxième partie. Paris: Hachete, 1887, p. 1677-1690.
- DUBOSSON-SBRIGLIONE, L. *Le culte de la Mère des Dieux dans l'Empire Romain*. Potsdamer Altertumwissenschaftliche Beiträge 62. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2018.
- DUTHOY, R. *The Taurobolium: Its Evolution and Terminology*. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Vol. 3. O cuidado de si. São Paulo: Graal, 2009.
- FREITAS, R. C.; FUNARI, P. P. A. Invocando deuses e clamando por vingança em fontes literárias e epigráficas. In: CORNELLI, G.; COUTINHO, L. (Orgs.). *Estudos Clássicos IV: percursos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 281-308.
- FREITAS, R. C. Sem perdão: em busca de justiça (ou vingança?) usando *defixiones* na antiga *Mogontiacum* (Mainz). In: SILVA, S. C.; MARQUETTI, F.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *Magia, encantamentos e feitiçaria* (no prelo).
- GONZÁLEZ SERRANO, P. La génesis de los dioses frígios Cibeles y Atis. *Revista de Ciencias de las Religiones*, p. 105-116, 1995.

- GRAF, F. *La magie dans l'Antiquité gréco-romaine: Ideologie et Pratique*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- OGDEN, D. Encantamentos de amarração: placas de maldições e bonecas de vodu nos mundos grego e romano. In: OGDEN, D.; LUCK, G.; GORDON, R.; FLINT, V. *Bruxaria e magia na Europa: Grécia antiga e Roma*. São Paulo: Madras, 2004, p. 17-101.
- RIBEIRO JUNIOR, B. I. *Para além da heteronormatividade: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d.C.)*. Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP/campus de Assis, 2016.
- ROLLER, L. The Ideology of Eunuch Priest. In: WYKE, M. (Ed.). *Gender and the body in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998, p. 118-135.
- ROSCOE, W. Priests of the Goddess: Gender Transgression in Ancient Religion. *History of Religions*, v. 35, n. 3, p. 195-230, 1996.
- RUTTER, J. B. The Three Phases of the Taurobolium. *Phoenix*, v. 22, n. 3, p. 226-249, 1968.
- SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- SILVA, S. C. "Por que de galo, então, chamamos quem se castra [...]?" Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. *Mare Nostrum*, v. 11, n. 1, p. 287-316, 2020.
- SILVA, S. C. Os *galli*, sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual, *Notandum*, ano XXIV, n. 56, maio/ago., p. 1-20, 2021.
- SKINNER, M. B. *Ego mulier: the construction of male sexuality in Catullus*. In: HALLET, J. P.; SKINNER, M. B. (Eds.). *Roman sexualities*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1995, p. 129-150.
- VEALE, S. *Defixiones and the Temple Locus: The Power of Place in the Curse Tablets at Mainz*. *Magic, Ritual, and Witchcraft*, v. 12, n. 3, 2017, p. 279-313.
- VERSNEL, H. Beyond Cursing: The Appeal to Justice in Judicial Prayers. In: FARAONE, C.; OBBINK, D. (Ed.). *Magika Hiera: Ancient Greek Magic & Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 60-106.
- VERSNEL, H. Prayers for justice in East and West: recent finds and publications. In: GORDON, R.; SIMON, M. (Eds.). *Magical practice in the Latin West*. Leiden/Boston: Brill, 2010, p. 275-354.
- WILLIAMS, C. *Roman homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2010.